

MÍDIAS, A PRODUÇÃO DE IMAGEM, SUAS (DES)NATURALIZAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES SUBJETIVAS

Renata Reis Genuíno¹

Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa²

Resumo: Revisão de material bibliográfico que possibilite refletir sobre o papel da mídia e influência na educação. Metodologicamente, será utilizada a (re)produção de imagens para análise que possibilitem representar as relações com o entorno, a desnaturalização dos signos da cultura midiática e contribuir com as diferentes apropriações de sentidos criados em âmbito individual dos sujeitos.

Palavras-chave: Produção de imagens; educação visual; subjetividade.

Os questionamentos acerca da produção audiovisual atrelada a educação, atualmente, ganham espaço e importância nos debates em diversos campos: das políticas públicas - às quais regulamentam as práticas educacionais, como a lei 13.006 de 26 de Junho de 2014 que aborda a obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros nas escolas; dos debates acadêmicos que, na tentativa de apreender sobre a complexidade das novas relações estabelecidas por meio destes veículos, se propõe a observar a relação sujeito - imagem, analisando não só o resultado criativo, mas, toda a metodologia de trabalho e construção do resultado; e dos educadores - dentro e fora da escola - que tem a possibilidade de (re)inventar suas práticas graças a novos meios de trabalhar e se relacionar com as representações audiovisuais.

O contato estabelecido entre os indivíduos e os dispositivos que se propõe a formar imagens, como as câmeras de celulares; e também as plataformas que as reproduzem: tv, internet, redes sociais etc., contribuem, com o processo de naturalização das composições de imagens ali veiculadas, a partir do acesso facilitado a sua utilização. Essa naturalização, entretanto, acarreta na observação superficial do entorno, como apresentado por Migliorin (2015, p. 22): “Estamos cotidianamente rodeados de imagens, um excesso que, muitas vezes, nos leva à cegueira: quanto mais imagens vemos no mundo, menos as percebemos em suas micro composições — e cada vez mais elas se parecem umas com as outras”.

A fabricação de imagem alinhada à educação visual da memória, segundo Milton José de Almeida (1999), é um processo que, no passado, já acontecia nas mãos de pintores, literários e arquitetos através do planejamento de suas obras; atualmente, encontram-se na televisão, no cinema e nos outdoors, por meio dos artistas, intelectuais e agências de propaganda. As imagens selecionadas e apresentadas pelos veículos de comunicação em massa, passam a povoar e influenciar o imaginário social de adultos e crianças em um processo - inevitavelmente - educativo:

estamos frente a uma educação visual cuja configuração estética é uma configuração política e religiosa. Uma forma complexa e ao mesmo tempo simples de um viver cultural e social permeado de representações visuais [...] estamos dentro de um processo de educação cultural da inteligência visual. Uma arte que, em forma plástica, dá visibilidade estética a um momento social, político e religioso (Almeida, 1999, p. 39)

A produção de imagem e suas (des)naturalizações precisam ser abordadas no contexto escolar para repensar os signos no cotidiano, as relações estabelecidas com estes e as formas

¹ Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: rereis.genuino@gmail.com.

² Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: russo333@hotmail.com.

com que eles nos educam. Como alternativa a possíveis práticas educativas que possibilitem espaços de debates e rupturas, Migliorin (2014), propõe a utilização dos dispositivos como sugestões a serem trabalhadas com crianças e adolescentes, dentro e fora do contexto escolar.

O projeto denominado “Inventar com a Diferença – cinema, educação e direitos humanos” foi elaborado pelo departamento de cinema e vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF – Niterói/RJ), em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos e Ministério da Cultura, no ano de 2014 sob a coordenação dos idealizadores Cezar Migliorin, Isaac Pipano, Luiz Garcia, Alexandre Guerreiro, Clarisse Nanchery e Frederico Benevides (Silva, 2015). O projeto está em seu quinto ano e, atualmente, há 26 propostas em andamento cadastradas, segundo dados apresentados no site da organização.

A utilização dos dispositivos pode ser compreendida como um conjunto de regras e desafios com produção audiovisual para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, expressar-se com ele: (re)descobrir seu bairro, a sua escola e a si mesmo. Durante os processos criativos propostos, todos os envolvidos são desafiados a adotar diferentes perspectivas, possibilitando novos espaços para repensar a relação entre o “individual” e o “coletivo”: como recontar as histórias? Quem serão filmados e por quê? Como os filmaremos?

Os dispositivos podem ser encontrados nos “Cadernos do Inventar com as diferenças (CI)”, livre para download no site do projeto. O material não se trata de uma cartilha a ser seguida, mas de uma série de heterogêneas propostas reunidas com as quais professores, mediadores e oficinairos possam construir seus encontros com estudantes da forma desejada. É enfatizado a importância em ser sensível a realidade trabalhada: faixa etária, tempos de debates e gravações, espaços possíveis, recursos e materiais disponíveis, conhecimentos teóricos e práticos, dessa forma, é proposta uma metodologia aberta, para que se invente com/a partir do material.

A utilização de recursos audiovisuais propostas pelos dispositivos não pretende intervir na formação de cineastas ou de ensinar técnicas específicas, como fotografia, captação de som ou edição, e sim evidenciar as crianças e jovens, a partir da criação, que a montagem e o recorte está em tudo. As oficinas contribuem com novas possibilidades de enxergar aos outros e a si mesmo como alternativa para desnaturalizar pontos de vistas que, de diferentes formas, viabilizam o debate sobre a realidade da criança, das relações estabelecidas com o entorno e do próprio processo de naturalização das composições de imagens (Migliorin, 2014).

As decisões de reposicionamentos, as novas perspectivas e os novos intervalos entre as imagens, movimentam novas conexões entre os alunos/personagens sendo desafiados a rever o entorno e, potencializando, as possibilidades de percepções para notarem que “a fotografia é fruto de decisões e escolhas” (Migliorin, 2014, p. 18), e a desnaturalização, nos permite estar mais consciente desse processo. Ao repensar o olhar e o posicionamento, as produções audiovisuais para as crianças passam a ser uma nova forma de tensionamento com a naturalização das imagens pertencentes a educação visual da memória. Dessa forma, convidar o jovem a refletir os recortes e os meios midiáticos torna-se uma alternativa de resistência ao fluxo pré-condicionado imposto.

No processo de evidenciar essa nova prática de escuta, há o surgimento de novas vozes antes silenciadas: sujeitos produtores de imagens - que possibilitam rever o entorno, como abordado por Migliorin (2006) ao defender que o mecanismo de produção criativa possibilita uma situação onde os personagens são colocados a agir, sendo que, nesta ação, acontece uma efetivação de potencialidades do real. Segundo o autor, o filme-dispositivo se propõe a criar mecanismos para eventualmente captar o que é contingente, destacando que o interesse deste tipo de obra é no acontecimento, dessa forma, é enfatizado o processo de construção e, não só ao produto final.

Os alunos, durante as produções, são incentivados frequentemente a discutir, circular e deixar-se afetar com o que está “distante”, mas em “contato”, com isso é tensionado outras maneiras de experimentar o mundo, estimulando o direito de cada um a narrar o próprio território, a própria vida. Diante das possibilidades levantadas graças às novas configurações, permanecem os questionamentos: “o que pode uma imagem? O que pode o cinema? Como ele pode auxiliar-nos na invenção de processos pedagógicos mais democráticos e emancipatórios, que ofereçam aos estudantes a possibilidade de atuar politicamente? Como pode o cinema produzir novos territórios sensíveis e afetivos, permitindo um compartilhamento do tempo-espaço do mundo com os outros?” (INVENTAR COM A DIFERENÇA, site, 2014).

O projeto e sua metodologia de criação com audiovisuais aposta que, ao conhecer bem a imagem que fez, o estudante desestabiliza e transforma o que vê e o que mostra em seus enquadramentos. Na construção criativa, no fazer cinema, lidando com o seu entorno, com a alteridade e com as diferenças, que passamos a descobrir e recriar as forças que existem, em reproduzir um ponto-de-vista sobre o mundo (Migliorin, 2014, p. 12). Nesses espaços criados, é preciso priorizar a escuta ao outro para que, nas construções de significados, possamos ouvir aquilo que nunca antes havíamos parado para escutar (Migliorin, 2014). As Experiências com os dispositivos contribuem com a (des)construção do olhar já estabelecido ao propiciar momentos “não pedagógicos” - em que a construção de conhecimento advém não só de imposições, mas de escuta ao outro por meio de metodologias abertas de ensino que, coletivamente, visem descobrir novas (im)possibilidades das diferentes perspectivas adotadas.

As imagens do cinema e da televisão governam a educação visual contemporânea no seu sentido não só estético, mas também político, dessa forma reconstruem, à sua maneira, a história de homens e sociedades. Possibilitar momentos em que os jovens são convidados a repensar as possibilidades estéticas e criadoras a partir das potências em inventar e apropriar-se da reprodução de imagens e sons, nos convida a ressignificar as experiências com o entorno. Nesse processo vamos “desalojando-nos” de nossas perspectivas e memórias ao passo que desocupamos o lugar de espectador e adotamos às narrações para externalizar às experiências, dessa forma, nos reencontramos em experiências não vividas mas, ainda sim sentidas, graças “a narração por outros olhares”, que nos permite afetar e ser afetado: “O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida: sua dignidade é contá-la inteira (Benjamin, 1985, p. 221)”, sendo, então, o fazer cinema compreendido não apenas como uma ferramenta, um apanhado de tecnologias, um campo da arte e ou entretenimento. Mas sim uma forma de ver, pensar e criar com os entornos.

Referências

ALMEIDA, M. J. de. *CINEMA: A arte da Memória*. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

BENJAMIN, Walter. “O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.” In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

COUTO, Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 897-916, set. 2013.

FRESQUET, Adriana. (Org.). Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: _____. *Cinema e Educação: A Lei 13.006. Reflexões, Perspectivas e Propostas*. BH: Universo Produção, 2015. cap. 1, p. 4-23.

INVENTAR COM A DIFERENÇA. Site. Disponível em: <<http://www.inventarcomadiferenca.org/>>.

MIGLIORIN, C. et al. (2014) *Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos*.

MIGLIORIN, C. (2006). *O dispositivo como estratégia narrativa*. Narrativas midiáticas contemporâneas. Livro da XIV Compós/2005. Porto Alegre: Sulina, 82-94.

SILVA, Juliana (2015). *Análise dos filmes-cartas produzidos pelo projeto inventar com a diferença: cinema e direitos humanos*.